

A INVESTIGAÇÃO DE SINAIS PRECOSES DE RISCO DE AUTISMO EM BEBÊS COM IRMÃOS AUTISTAS

Aluno: Gilberto Bruzzi Desiderio
Orientadora: Carolina Lampreia

Introdução

Nos últimos anos, vem sendo enfatizada a necessidade de uma identificação precoce de bebês com risco de desenvolver um quadro autístico visando uma intervenção também precoce que procure recuperar, ou minimizar, os efeitos do transtorno autístico. Por esta razão, na última década, tem sido enfatizada de forma crescente a importância da diminuição da idade de diagnóstico do autismo de 36 para os 18 meses de idade, havendo até pesquisas que indicam que ele poderia ser feito antes, entre os 8 e 12 meses.

Desde 2005, pesquisas longitudinais prospectivas têm procurado indícios de risco de autismo a partir dos 6 meses de idade. Para este fim, têm sido observados bebês com irmãos mais velhos com diagnóstico de autismo, tendo em vista uma recorrência vinte por cento maior de autismo nesta amostra do que na população em geral (Sumi, Taniai, Miyachi & Tanemura, 2006 citado por Merin, Young, Ozonoff, Rogers, 2007). Estes estudos têm utilizado, principalmente, categorias quantitativas discretas de atenção compartilhada, que envolvem interações triádicas mãe-bebê-objeto e se desenvolvem entre os nove e quinze meses de idade. Elas são consideradas precursoras da linguagem e marcadores do autismo. Contudo, é importante observar, do ponto de vista do desenvolvimento, que estas categorias também têm seus precursoras que devem ser encontrados nas interações diádicas mãe-bebê, entre o nascimento e os nove meses de idade. Mas para que isto ocorra é preciso que o bebê seja capaz de engajamento afetivo. É preciso que ele seja sensível e responsivo às expressões emocionais dos outros, o que parece não ocorrer com bebês com risco de autismo (Hobson, 2002). O aspecto afetivo, qualitativo, do desenvolvimento tem sido bastante investigado em pesquisas de psicologia do desenvolvimento que, na década de 1970, desenvolveu uma metodologia específica de microanálise de vídeos de interação mãe-bebê (Lewis & Rosenblum, 1974; Schaffer, 1977). Mas ele tem sido praticamente desconsiderado em estudos sobre autismo.

Objetivo

Tendo como meta encontrar subsídios para uma intervenção mais precoce no autismo, isto é, entre os 12 e 24 meses de idade, a presente pesquisa tem como **objetivo** investigar longitudinalmente o desenvolvimento das interações mãe-bebê, diádicas e triádicas, em bebês com maior risco de desenvolver características autísticas – bebês com irmão com diagnóstico de autismo (TEA) – e compará-las com as interações de bebês sem risco de autismo. O **objetivo específico** é identificar diferenças nas interações dos dois grupos de bebês, isto é sinais que possam indicar risco de autismo já no primeiro ano de idade. Isto será feito a partir da microanálise de vídeos através de categorias discretas, diádicas e afetivas.

Metodologia

Foram recrutados até o momento cinco participantes, todos do sexo feminino, sendo um de alto-risco (com irmão com diagnóstico de autismo) e quatro de baixo-risco de TEA (Transtorno do Espectro Autista). Os participantes foram filmados quinzenalmente, por um

membro da equipe de pesquisa, em casa, a partir dos 3 meses de idade, em interação com a mãe/cuidador ou um adulto familiar, em situações livres.

Os dados foram analisados em termos de categorias objetivas de observação e análise qualitativa das interações. Os episódios de interação foram discriminados segundo os seguintes critérios: bebê (ou mãe/adulto) apresenta expressão afetiva (sorri, vocaliza, chora); mãe/adulto (ou bebê) responde; bebê (ou mãe/adulto) vê, ouve resposta da mãe/adulto (ou bebê). Para cada solicitação, são registradas as categorias discretas do solicitante (sorriso, contato ocular, vocalização e toque) e para cada episódio de interação são registradas as categorias discretas, diádicas (contingência, reciprocidade, alternância de turno e antecipação) e afetivas (engajamento afetivo, fluxo de interação e sintonia do afeto).

Serão apresentados dados parciais de dois participantes sem risco de TEA – MC e N – dos 3 aos 7 meses de idade, tendo em vista que, esta primeira análise teve como objetivo principal ajustar a metodologia de análise dos dados.

Conclusões

A metodologia de análise das categorias discretas e afetivas parece estar bem ajustada. No entanto, nem todas as categorias diádicas puderam ser registradas. Houve pouca alternância de turno e nenhuma antecipação tanto para os adultos quanto para os bebês analisados. Uma explicação possível é que, devido ao fato de as filmagens terem sido feitas em situações livres, não tenha havido oportunidade para seu surgimento. Outra explicação poderia ser o fato de os bebês serem ainda muito pequenos e por isso não tenham ainda desenvolvido essas categorias em seu repertório, embora a literatura mencione sua presença nessa faixa etária. Uma análise mais qualitativa dos vídeos poderá esclarecer essa questão. De qualquer maneira, isso sugere a necessidade de utilização de situações semi-estruturadas de observação, além das situações naturais, de maneira a favorecer o surgimento dessas categorias assim como também tornar as situações de observação mais homogêneas entre os participantes viabilizando uma melhor comparação entre eles.

Referências

- Hobson, P. (2002) *The cradle of thought*. London: Macmillan.
- Lewis, M. & Rosenblum, L.A. (1974) *The effect of the infant on its caregiver*. N.Y.: John Wiley & Sons.
- Merin, N, Young, G.S., Ozonoff, S. & Rogers, S.J. (2007) Visual Fixation Patterns during Reciprocal Social Interaction Distinguish a Subgroup of 6-Months-Old Infants At-Risk for Autism from Comparison Infants. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 37, 1, 108-121.
- Schaffer, H.R. (1977) Early Interactive Development. Em H.R.Schaffer, *Studies in mother-infant interaction*. (p. 3-16). London: Academic Press.